

As tessituras do narrar jornalístico brasileiro em meio ao atordoamento: os jornais digitais BBC e CNN e as interlocuções com o imaginário sobre a cultura chinesa durante a pandemia de COVID-19¹

Giovanna ABELHA²

Nuno MANNA³

Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, MG

RESUMO

Este trabalho busca problematizar como as sucursais brasileiras da BBC e da CNN narraram a cultura chinesa durante a emergência da pandemia do coronavírus. Sob uma perspectiva teórico-metodológica que compreende a comunicação a partir da relação entre narrativa, cultura e temporalidade, a pesquisa analisará as matérias coletadas em ambos os veículos durante os primeiros meses da pandemia. Com essa análise, busca-se apontar, de modo contextual, como as narrativas jornalísticas constroem e partilham sentidos sobre as formas de vida do país asiático, apontando para a crise e o atordoamento desse momento como uma chave para interpretação de tensões e disputas.

PALAVRAS-CHAVE: China, Cultura, Narrativa jornalística, Atordoamento, COVID-19

CORPO DO TEXTO

Aos 31 dias de dezembro de 2019, a Organização Mundial da Saúde (OMS) recebeu os primeiros avisos⁴ do que, na época, ainda era observado como um surto de pneumonia na cidade de Wuhan, na China. Uma semana depois, o Governo Chinês confirmaria que o mundo estava diante da COVID-19 (SARS-CoV-2), variante do SARS-CoV reportada pela primeira vez em 2002⁵, em Guangdong, também na China. Graças à sua acelerada propagação, logo ao final de janeiro de 2020 o ‘novo coronavírus’ foi considerado “Emergência de Saúde Pública de Importância

¹ Trabalho apresentado na IJ01 – Jornalismo do 26º Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sudeste, realizado de 1º a 3 de junho de 2023

² Graduanda do Curso de Jornalismo da FACED-UFU, email: gvnnabelha@gmail.com

³ Orientador do trabalho. Docente do Curso de Jornalismo da FACED-UFU, email: nunomanna@gmail.com

⁴ Disponível em: <https://www.paho.org/pt/covid19/historico-da-pandemia-covid-19#:~:text=Em%2031%20de%20dezembro%20de,identificada%20antes%20em%20seres%20humanos>. Acesso em: 11 abr. 2023.

⁵ Disponível em: <https://www.aljazeera.com/news/2020/4/8/coronavirus-comparing-covid-19-sars-and-mers>. Acesso em: 11 abr. 2023.

Internacional (ESPII)” pela OMS⁶. E apesar de não ser a primeira vez que esse tipo de emergência era acionada mundialmente, a pandemia trouxe novos parâmetros para o que se entende e imagina por crise sanitária.

É importante salientar que esta pesquisa, ainda que se encontre no começo de sua produção, definição de parâmetros iniciais de análise e coleta inicial de materiais, não tem interesse em realizar exclusivamente uma busca e estudo sobre o que foi (e ainda é) a crise sanitária e seu histórico. Aqui neste resumo, que é um pontapé inicial do que pretendemos nos aprofundar ao longo de toda a pesquisa, já entendemos que a pandemia de COVID-19 será o recorte temporal da análise de materiais jornalísticos que já começaram a ser coletados (mas não analisados).

Contudo, entender suas origens e relações com a cultura chinesa é importante, uma vez que, enquanto fator de temporalidade, contribuirá para a compreensão das questões que ancoram nosso objetivo de entender como as narrativas jornalísticas brasileiras, performadas em matérias dos jornais digitais da BBC e CNN, se debruçam e atravessam a construção do imaginário social em torno da cultura da China, em um período de crise. E em conjunto com a posterior análise do conteúdo em coleta, também nos aprofundaremos em leituras de artigos, livros e outros produtos que possam relacionar o material reunido às análises sobre a cultura da China, jornalismo e pandemia – assim poderemos compreender de forma ampla toda a rede de significados por trás dessas narrativas que buscamos.

A partir disso, destacamos a relevância de compreender alguns pontos que trarão especificidade, clareza e intersecções a este trabalho. A fim de explicar os motivos da escolha pela pandemia, é possível citar o 13º capítulo do livro “Imagens e imaginários da pandemia”, do grupo Núcleo de Estudos Tramas Comunicacionais, no qual o pesquisador e integrante Nuno Manna (2021) trabalha o narrar do atordoamento. Por meio da reflexão dos estudos do historiador Reinhart Koselleck sobre experiência temporal moderna, Manna compreende que a crise surge a partir de um sentimento de não conseguir superar o passado, não saber lidar com o presente e não poder prever o futuro.

⁶ Disponível em: <https://www.paho.org/pt/news/30-1-2020-who-declares-public-health-emergency-novel-coronavirus>. Acesso em: 11 abr. 2023.

A crise vem justamente para marcar a impossibilidade de efetivar essa dinâmica, quando experiência e expectativa se transfiguram de esteios temporais em incógnitas – o passado retorna como fantasma e o futuro é obscurecidos pelas trevas –, e o atordoamento surge como seu corolário. (MANNA, 2021, p. 314).

Nesse sentido, a pandemia será aqui entendida como um cenário de crise que possibilita uma análise sobre como um período marcado pelo “embaralhamento radical dos marcos de ordenamento referencial da realidade e de seus sentidos de normalidade, promovendo uma experiência geral de hesitação, confusão, desorientação, de atordoamento” (MANNA, 2021), é capaz de realçar as narrativas em torno de um país como a China, intrinsecamente atravessado pela pandemia. Ou seja, como a crise destaca narrativas já existentes, mas de forma mais exarcebada e escancarada, facilitando seu reconhecimento e consequente problematização.

Um exemplo é como a China passou a ser alvo de algumas narrativas durante a pandemia em razão das relações, imaginários e discursos que já existem sobre a população, mas que se tornaram ainda mais destacados durante esse período. No artigo “Go Back to China with your (expletive) vírus: A revelatory case of anti-Asian racism during COVID-19”, os pesquisadores realizam um levantamento qualitativo com americanos-asiáticos para analisar as diferentes formas de racismo “anti-Ásia” observados durante os primeiros 6 meses da pandemia.

Um participante compartilhou um exemplo sobre dois homens negros adultos fazendo piadas sobre como pessoas chinesas ‘arruinaram o mundo porque eles comem cachorro e foi assim que a COVID começou’. (WANG; SANTOS, 2022, p. 225, tradução nossa).

Assim, atacar ‘o outro’ e a sua cultura se torna uma espécie de mecanismo para lidar com a desorientação instaurada pós início do isolamento, em um movimento de resgatar o “referencial de realidade” e materializar os “sentidos de normalidade”, citados por Manna (2021), a partir de narrativas comuns à sociedade. Nesse sentido, é importante salientar como o entendimento sobre cultura pode auxiliar nessa discussão. Em seu livro “Recursos de esperança: cultura, democracia, socialismo”, o autor Raymond Williams (2015) explica que a cultura é algo comum, ou seja, são os significados e modos de vida que pertencem a um povo e configuram as experiências que eles têm enquanto indivíduos e enquanto parte de um coletivo.

Dessa forma, ele também explicita que há outros dois sentidos para a cultura que ele discorda, entre eles cito o referente a um “sinal externo e enfaticamente visível de um tipo especial de pessoa” (WILLIAMS, p. 6), ou seja, entra na perspectiva de que algumas culturas são melhores ou superiores que outras em razão de diferenças vistas como ‘mais cultivadas’, mais ‘desenvolvidas’. E vale ressaltar, em seu verbete sobre cultura, do livro “Palavras-chave” (2007), Williams ainda elenca as três categorias de uso da cultura:

(i) (...) descreve um processo de desenvolvimento intelectual, espiritual e estético a partir do S18; (ii) (...) indicando um modo particular de vida, quer seja de um povo, um período, um grupo ou da humanidade em geral, (...); (iii) (...) descreve as obras e as práticas da atividade intelectual e, particularmente, artística. (WILLIAMS, 2007, p. 121).

Por último, é preciso entender como o narrar jornalístico, em especial o brasileiro, se coloca neste trabalho. O país sul-americano e ocidental apresenta sua própria independência na forma de se relacionar politicamente e de narrar e entender a cultura chinesa, e isso fica claro nos quase 50 anos do estabelecimento de relações sino-brasileiras⁷. Contudo, em se tratando de um trabalho que irá analisar materiais dos jornais BBC e CNN Brasil, também será importante observar como o jornalismo brasileiro tem suas narrativas sobre a China perpassadas pelos Editoriais dos países, respectivamente, britânico e estadunidense, e suas próprias formas de enxergar e narrar o país asiático.

Desse modo, pretendemos entender todo um entrelaçamento de narrativas, intersecções e perspectivas de como o jornalismo pode abordar um país oriental, com organização cultural distinta, em um período de atordoamento da realidade. Para o pesquisador Bruno Leal (2022, p. 16), a narrativa, para além do sentido da ficção ou do formato textual, é uma forma de “dar sentido ao mundo, aos acontecimentos, às pessoas. É ela mesma um agir, que contribui para dinâmicas das relações culturais e das experiências humanas”. E a partir disso objetivamos realizar um resgate cultural sobre a China e sobre suas relações com o Brasil, Estados Unidos e Reino Unido (e sobre o histórico dos jornais CNN e BBC Brasil), como forma de auxiliar embasar a análise dos conteúdos coletados.

⁷ Disponível em: [brasil e china 40 anos de relacoes diplomaticas - analises e documentos.pdf](#). Acesso em: 11 abr. 2023.

Nesse sentido, a inicial coleta por mecanismos de busca avançada do site Google somados a palavras chaves como “china” e “pandemia”, já observamos diferenças na quantidade de materiais de ambos os jornais, durante esse período, provavelmente em razão da data em que os jornais BBC e CNN chegaram ao Brasil (respectivamente 1938 e 03/2020⁸). Dessa forma, caso seja necessário futuramente na pesquisa, entendemos a possibilidade de resgatar outros momentos de atordoamento na pandemia que possam evidenciar narrativas sobre a China, como o caso dúvida sobre vacinas, reincidência de casos e mortes pós vacinação, surtos de outras variantes, entre outros.

Ademais, como integrante do Grupo de Pesquisa Narra da Universidade Federal de Uberlândia (UFU), toda a análise será pautada sob os três eixos teórico-metodológicos do grupo: a narrativa, a cultura e a temporalidade – movimento realizado anteriormente em uma primeira pesquisa financiada pela CNPq, sobre cultura pós-humanista e Cyberpunk. Além disso, este trabalho será elaborado e desenvolvido a partir das articulações com as leituras realizada no grupo e partindo de uma interlocução com o projeto de pesquisa “Narrativas do atordoamento: uma investigação das catástrofes cotidianas”, do prof. Nuno Manna.

Trata-se, portanto, de um trabalho que ambiciona aprofundar e atualizar as matrizes conceituais e analíticas de três importantes conceitos para o campo da Comunicação de modo conjugado com o estudo das narrativas jornalísticas. Além disso, pontuamos a importância acadêmica deste trabalho em se tratando de uma análise que busca compreender a produção nacional, sob as perspectivas dos atravessamentos internacionais, em suas formas de narrar, além de contribuir para a criação de material acadêmico em português, sobre uma temática já abordada em outros idiomas e países, mas sob orientações diversas.

REFERÊNCIAS

LEAL, B. **Introdução às narrativas jornalísticas**. Porto Alegre: Editora Meridional, 2022.

MANNA, N. Narrar o atordoamento. In LEAL, B (Org.) **Imagens e imaginários da pandemia**. Belo Horizonte: Selo PPGCOM/UFMG, 2021.p. 311-319.

⁸ Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/nacional/cnn-brasil-completa-1-ano-e-decide-nao-comemorar-em-respeito-as-vitimas-da-covid/>. Acesso em: 26 abr. 2023

WANG, S; SANTOS, M. “Go Back to China With Your (Expletive) Virus”: A Revelatory Case Study of Anti-Asian Racism During COVID-19. **Asian American Journal of Psychology**. Santa Clara, v. 13, No. 3, p. 220-233, fev. 2022.

WILLIAMS, R. Cultura. In **Palavras-chave**. São Paulo: Boitempo, 2007. p. 117-124.

WILLIAMS, R. Cultura é algo comum. In **Recursos da esperança**: cultura, democracia, socialismo. São Paulo: Editora Unesp, 2015. P. 3-28.